

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: PERCEPÇÕES DA SOCIEDADE

ORGAN DONATION: SOCIETY PERCEPTIONS

Elaine Dias Fagundes Coutinho¹

Lívia P. Bedin²

RESUMO: A doação de órgãos consiste em doar partes do corpo, como órgãos ou tecidos, feita em vida ou após a morte, quando há morte encefálica. É um ato complexo e de extrema necessidade para aqueles que dependem de transplantes para terem a sua saúde restabelecida. Apoiado nisto, este trabalho se aplica em saber a opinião da sociedade sobre esse tema, o nível de compreensão e as razões que levam à recusa das doações de órgãos e tecidos. No decorrer desta pesquisa serão explanados o processo de doação de órgãos no Brasil, as etapas pertinentes à captação de órgãos, o papel do enfermeiro nesse ato, bem como o conceito de morte encefálica e os importantes fatores que afetam a conduta de decisão familiar. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de caráter quantitativo, fundamentada em estudos bibliográficos para melhor embasamento teórico-metodológico, como artigos científicos, livros e sites acerca do tema proposto.

PALAVRAS-CHAVES: Doação de órgãos; Morte Encefálica; Recusa.

ABSTRACT: *Organ donation consists of parts of the body, such as organs or tissues, made in life or after death, when there is brain death. It is a complex and extremely necessary act for those who depend on transplants to restore their health. Based on this, this work applies to know the opinion of society on this topic, the level of understanding and the reasons that lead to the refusal of the actions of organs and tissues. No course of this research will be carried out in the process of organ procurement in Brazil, as steps relevant to organ procurement, as well as the concept of death and the important factors that were planned for family decision-making bodies. This is a descriptive and exploratory research, authorization studies approved, based on bibliographies for theoretical-methodological basis sites such as scientific articles, books and about the proposed theme.*

KEYWORDS: Organ donation; Brain Death; Refusal.

1. INTRODUÇÃO

A doação de órgãos compreende a retirada de um ou mais órgãos ou tecidos de uma pessoa apta, que diante dos termos legais consiga fazer o transplante sem comprometimento de suas funções vitais e de sua saúde mental. Ela pode ser feita com o doador em vida ou após sua morte, quando há constatação de morte encefálica (ROSÁRIO et al., 2013).

O Sistema Único de Saúde (SUS) financia cerca de 96% dos procedimentos concernentes à doação de órgãos, fazendo do Brasil o país que possui o maior programa público de transplante do mundo. Todavia, a fila de espera ainda é muito grande, culminando para a mortalidade de pacientes que aguardam por uma doação de órgãos ou tecidos (SOARES et al., 2020).

¹ Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Salesiano. E-mail: elainefagundesd@gmail.com

² Graduada e licenciada em Enfermagem pela PUC de Campinas, Doutora em Avaliação do ensino superior pela UNICAMP. Atua como coordenadora do curso de Enfermagem e professora do curso em diversas disciplinas no Centro Universitário Salesiano - UniSales. E-mail: lbedin@unisales.br

O desconhecimento sobre os transplantes associado a fábulas, crenças populares, religiões e cultura colabora para a recusa dos transplantes, diminuindo a lista de doadores de órgãos e extensão das filas de espera (FERRAZZO et al., 2011).

A doação de órgãos é algo bem complexo, pois não compreende apenas o ato de doar ou transplantar órgãos e tecidos, mas também abrange diversas questões que envolvem a ética e a moral das famílias (ROSÁRIO et al., 2013).

Diante dessa temática, este estudo tem por objetivo averiguar o conhecimento de transeuntes a respeito de doações de órgãos, com o intuito de descrever e analisar os fatores que colaboram para a doação, bem como os dificultadores, de tal maneira a contribuir à classe da enfermagem o aprimoramento de conhecimentos e práticas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O SISTEMA DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS NO BRASIL

O Art. 196 da Carta Magna declara que os direitos relacionados à saúde devem ser implementados através de políticas públicas. Nesse contexto então se insere a doação de órgãos, a qual faz parte das políticas públicas que aspiram efetivar os direitos à vida e à saúde (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

No ano de 1997, os transplantes tiveram sua regulamentação no Brasil, por meio da Lei nº 9.434/1997, alterada posteriormente pela Lei nº 9.175/2017. Dessa forma, o Sistema Nacional de Transplantes se respalda nessas duas leis, as quais tem por diretrizes a gratuidade da doação, beneficência dos receptores e não maleficência dos doadores em vida (BRASIL, 2017).

O sistema de transplantes no Brasil se faz de modo bem consolidado, com aspectos sistêmicos, devidamente organizados e regulados, o que torna o país o segundo maior transplantador do mundo. Mesmo com todo esse progresso, os dados apontam que a quantidade de transplantes realizada ainda não é suficiente para alcançar a necessidade presumida, ocasionando uma fila de espera muito grande (BRITO; SILVA; FELIPE, 2020).

2.2 O PROCESSO DOAÇÃO-TRANSPLANTE

A Portaria nº 1.752 de 2005 delimita que todos os hospitais brasileiros públicos, privados e filantrópicos, com mais de 80 leitos, estabeleçam uma Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT), formada por uma equipe multiprofissional, capacitada a aumentar o procedimento de captação de córneas e variados órgãos (CAJADO; FRANCO, 2016).

Para que o transplante seja efetivado é necessário que haja total sucesso no processo de doação de órgãos, o qual compreende um conjunto de etapas, abrangendo desde o diagnóstico de morte encefálica até o transplante propriamente dito (BRITO; SILVA; FELIPE, 2020).

A partir do momento em que a morte encefálica é diagnosticada, a unidade notificante informa a mesma, com caráter obrigatório e urgente, à Central Estadual de Transplantes que possui vínculo (BRITO; SILVA; FELIPE, 2020).

Segundo o Art. 4º da Lei nº 10.211, de 2001, para se executar a remoção de órgãos e tecidos de falecidos para realização de transplante é necessário que se tenha uma autorização do cônjuge ou de um parente, sendo maior de idade, devendo ser firmada em documento assinado por pelo menos duas testemunhas. Vale ressaltar que essa norma não tem dependência com a vontade do próprio doador manifestada em vida, podendo ser contestada pela decisão da família (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

Para doadores em vida, a doação é permitida quando se trata de órgãos duplos, de partes de órgãos, tecidos ou partes do corpo, desde que não cause nenhum prejuízo ao doador, seja em suas aptidões vitais ou saúde mental, nem ocasione mutilação ou deformação inaceitável, e seja para fins terapêuticos ao receptor (BRASIL, 1997, Art. 9).

2.3 A CAPTAÇÃO DE ÓRGÃOS

A captação de órgãos inicia-se com a identificação do potencial doador, e em seguida o hospital faz uma notificação compulsória à Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos e Tecidos (CNCDO), descentralizadas em OPOs (Organização de Procura de Órgãos), que por sua vez se dirigem ao hospital onde se encontra o doador, para avaliações e testes de compatibilidade com prováveis receptores (MORAIS; MORAIS, 2012).

A família então é consultada sobre a doação, e caso haja consentimento, estando o doador viável, a OPO informa a Central de Transplantes, que faz a seleção dos receptores e informa as equipes transplantadoras sobre o potencial doador (MORAIS; MORAIS, 2012).

Após isso, essas equipes fazem a extração dos órgãos e se dirigem aos hospitais onde se encontra o receptor para fazerem a transplantação. Findados todos os procedimentos com o doador, o corpo é entregue à família de modo recomposto (MORAIS; MORAIS, 2012).

2.4 O PAPEL DO ENFERMEIRO NA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), através da Resolução n. 292/2004, dispõe que o Enfermeiro é incumbido de planejar, executar, coordenar, realizar a supervisão e avaliação de procedimentos de enfermagem ao doador de órgãos e tecidos. É de competência do enfermeiro notificar as Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos quando existe um potencial doador (MATTIA et al., 2010).

Para desempenhar adequadamente suas funções no que compete à doação e transplante de órgãos, a equipe de enfermagem deve possuir plena capacitação e estar sempre atualizada quanto à evolução tecnológica e científica. O entendimento do processo e dos fatores que

influenciam no seu resultado pode contribuir para a redução das dificuldades, facilitando a elaboração de estratégias para aprimorar o processo (ARAÚJO et al., 2017).

O enfermeiro atuante nos procedimentos de captação de órgãos e tecidos é visto como elemento promotor da notificação aos órgãos governamentais responsáveis pelo gerenciamento dos processos de captação e distribuição de órgãos e tecidos. Este profissional tem o papel de monitorar as condições vitais do doador e acompanhar os familiares no que diz respeito aos procedimentos relacionados à doação (SILVA et al., 2017).

O enfermeiro da OPO assume um importante papel no momento em que se realiza a entrevista familiar para saber se haverá aceitação ou recusa em relação à doação de órgãos do potencial doador. É essencial que esse profissional saiba lidar com toda a situação decorrente de uma perda familiar, tendo sensibilidade e sensatez durante a abordagem. Sobretudo, o enfermeiro precisa ser imparcial em relação à vontade da família, demonstrando respeito pelo que for decidido entre os familiares, não devendo interferir na escolha (MENDONÇA et al., 2013).

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal de caráter quantiquantitativo, para avaliação de opiniões e dúvidas dos indivíduos sobre a temática.

Esta pesquisa contém fundamentos em estudos bibliográficos para seu embasamento teórico-metodológico. Para tal foram utilizados artigos científicos, livros e sites acerca do tema proposto.

O cenário de estudo foi um terminal rodoviário, em razão de que nesse local há um grande fluxo de pessoas, facilitando o levantamento dos dados.

A escolha dos indivíduos foi aleatória, por meio de abordagem solicitando a participação neste estudo enquanto aguardavam o ônibus. A amostra foi composta por 100 sujeitos que aceitaram responder o instrumento.

Todos os participantes receberam informações sobre o objetivo do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), após leitura do mesmo, o qual foi elaborado em duas vias, sendo uma entregue aos entrevistados e a outra arquivada pelo pesquisador.

A aplicação do instrumento foi no período de 01 a 15 de outubro 2019, nos turnos da manhã, tarde e noite, segunda à sexta-feira, até alcançar o total de pessoas respondentes.

Para coleta de dados foi utilizado um questionário individual com perguntas fechadas e uma questão aberta (Apêndice B), de modo a fazer um levantamento sobre as principais opiniões em relação à doação de órgãos e fatores que afetam a decisão da doação.

Esse trabalho envolveu processamento de dados através da criação de tabelas, que foram analisadas, utilizando-se para discussão do referencial teórico.

O estudo foi submetido ao comitê de ética do Centro Universitário Salesiano e foi aprovado com o nº 862.878.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Foram analisados 100 questionários os quais abordaram a temática sobre a doação de órgãos, respondidos por pessoas adultas, com idades entre 18 e 55 anos, de ambos os sexos, conforme Tabela 1 e Tabela 2, respectivamente.

Tabela 1: Idade dos entrevistados

Idade	Números	%
18 – 25	34	34%
26 – 35	33	33%
36 – 45	21	21%
46 – 55	12	12%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Tabela 2: Gênero sexual dos entrevistados

Sexo	Números	%
Feminino	59	59%
Masculino	41	41%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Pela Tabela 3 nota-se que todos os participantes seguem uma religião, os quais foram identificados como católicos, evangélicos e espíritas.

Uma pesquisa feita por Ferrazzo e outros (2011) explicam que a religião é um elemento determinante na tomada de decisões sobre vários aspectos da vida das pessoas. Em relação à doação de órgãos, nenhuma se opõe de modo absoluto. Acontece que as crenças religiosas abrangem diversos rituais com o corpo após a morte. Algumas, por exemplo, não aceitam o conceito de morte encefálica, pois relacionam a morte apenas à parada dos batimentos cardíacos e da respiração. Outras, por exemplo, associam a doação como agressões ao corpo, ocasionando traumas para a alma e dificuldades em alcançar o destino espiritual adequado.

Em muitos casos a religião interfere na decisão familiar da doação de órgãos da pessoa falecida, pois quando a família se depara com o diagnóstico de morte encefálica, suas crenças fazem com que eles tenham esperança da inversão daquele quadro e esperem por um milagre, acreditando que o paciente pode ressuscitar (MORAIS; MORAIS, 2012).

Tabela 3: Religião dos entrevistados

Religião	Números	%
Católico	24	24%
Evangélico	53	53%
Espírita	23	23%
Umbandista	0	0%
Outras	0	0%
Não tenho	0	0%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

De acordo com a Tabela 4, os entrevistados possuem níveis de escolaridade variados, predominando a participação daqueles que tem nível superior.

Morais e Moraes (2012) afirmam que a baixa escolaridade pode gerar interpretações deturpadas sobre a doação de órgãos, dificultando assim a permissão para a doação.

Segundo Roza e outros (2010), o nível de escolaridade interfere no momento da decisão em doar órgãos ou tecidos, pois quanto menos informações maior é a chance de limitação e comprometimento da autonomia dos familiares.

Apesar disso, as respostas do presente estudo mostram que a desinformação sobre o assunto foi pela maioria dos entrevistados, mesmo com maior presença de sujeitos com alto grau de escolaridade.

Tabela 4: Escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Números	%
Ensino Fundamental Completo	5	5%
Ensino Fundamental Incompleto	19	19%
Ensino Médio Completo	22	22%
Ensino Médio Incompleto	13	13%
Nível Superior Completo	4	4%
Nível Superior Incompleto	37	37%
Outros	0	0%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Quando questionados sobre o desejo de ser doador de órgãos, mais da metade dos entrevistados afirmaram não possuir esse interesse, como pode ser visto na Tabela 5.

Tabela 5: Desejo dos entrevistados em ser doador de órgãos

Desejo de ser doador de órgãos	Números	%
Sim	21	21%
Não	79	79%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Para aqueles que manifestaram essa vontade, identifica-se pela Tabela 6, que o que mais motivaria seria o amor ao próximo. Isso se confirma com o que Moraes e Moraes (2012) relatam em seus estudos, explanando que a sociedade vê a doação de órgãos e tecidos como um ato de solidariedade e amor. Nesse mesmo sentido, Mattia e outros (2010) constata em seus achados que, embora a situação vivida pela família seja muito sofrida, a atitude da doação de órgãos é algo que traz conforto e satisfação para os familiares do potencial doador.

Tabela 6: Motivação dos entrevistados à doação de órgãos

Motivo para doação de órgãos	Números	%
Amor ao próximo	58	58%
Sentir-se bem ao doar	16	16%
Ser alguém da família	26	26%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Para os que opinaram em recusar-se a doar seus órgãos, a maioria dos sujeitos escolheu como motivo de recusa a opção de nunca terem pensado sobre o assunto, como mostra a Tabela 7.

Tabela 7: Motivo de recusa dos entrevistados à doação de órgãos

Recusa para doação de órgãos	Números	%
Medo de estar vivo	21	21%
Falta de orientação	26	26%
Nunca pensou sobre o assunto	53	53%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Grande parte das recusas ocorre por desconhecimento do que se trata a doação de órgãos e tecidos e de todo o processo que isso implica, desde a captação até a implantação nos receptores. E isso se deve ao fato de que há uma deficiência em programas e projetos destinados ao compartilhamento de informações e esclarecimentos para a população sobre esse tema, o que torna um assunto que não é muito pensado pela população (ROSÁRIO et al., 2013).

Roza e outros (2010) também comprova que quanto maior a informação e a orientação sobre a doação de órgãos, maior é a probabilidade de consentimento sobre esse ato, obtida consequentemente por discussões sobre essa temática entre a sociedade.

De acordo com a Tabela 8, a maioria dos entrevistados respondeu não haver doadores na família. De acordo com Freire e colaboradores (2014), a discussão prévia sobre esse assunto entre a família faz toda diferença na tomada de decisão sobre a doação de órgãos, sendo um fator de grande relevância para o consentimento entre os familiares.

Na pesquisa de Dalbem e Caregnato (2010) também é confirmado que a recusa dos familiares em autorizar a doação de órgãos e tecidos está associada ao fato de não saberem qual era o desejo do falecido quanto ao assunto. E nas famílias em que houve essa conversa a aceitação pela doação se fez de modo mais simples e natural.

Tabela 8: Existência de doadores de órgãos na família dos entrevistados

C	Números	%
Sim	11	11%
Não	89	89%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

A respeito dos fatores dificultadores para a recusa da doação de órgãos, grande parte dos respondentes opinou sobre o desconhecimento sobre morte encefálica. Esse resultado se confirma na obra de Moraes e Moraes (2012), a qual ressalta que a falta de entendimento sobre a morte encefálica por parte da família a impede de permitir a doação, pois para ela consentir com a doação é o mesmo que autorizar a morte do paciente, pois não conseguem assimilar que alguém esteja morto quando se encontra em suporte avançado de vida.

Dalbem e Caregnato (2010) reafirmam que o desconhecimento por parte da família sobre o conceito de morte encefálica é um dos maiores empecilhos para a permissão da doação de órgãos, pois como não entendem sobre esse assunto, não conseguem compreender o que de fato está ocorrendo com o paciente, optando então por negar a doação.

Tabela 9: Fatores dificultadores para os entrevistados sobre a doação de órgãos

Fatores dificultadores	Números	%
Falta de esclarecimento	17	17%
Estado emocional	22	22%
Desconhecimento sobre morte encefálica	26	26%
Receio de comprometer a própria saúde	24	24%
Negativa da família do potencial doador	11	11%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Para a maioria dos participantes, como mostra a Tabela 10, se tivesse mais informações sobre como funcionam os transplantes, doaria seus órgãos. Esse resultado vai de encontro ao que Morais e Morais (2012) descrevem em seus estudos, sobre as causas que colaboram para gerar dúvidas e preconceitos sobre a doação de órgãos, como a falta de esclarecimento, as notícias sensacionalistas sobre tráfico de órgãos e a carência de programas de conscientização da população.

A recusa pela doação de órgãos se dá em muitos casos pelo desconhecimento sobre todas as etapas que envolvem o sistema da doação e do transplante, impedindo que aumente os doadores efetivos de órgãos e tecidos (ROSÁRIO et al., 2013).

Tabela 10: Influência da informação para os entrevistados sobre a doação de órgãos

Se bem informados, doaria seus órgãos	Números	%
Sim	82	82%
Não	18	18%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Quando questionados sobre a autorização de órgãos de algum familiar, conforme Tabela 11, a maioria dos entrevistados respondeu que permitiria caso houvesse mais esclarecimentos sobre esse procedimento. Isso vai de encontro ao que Gois e outros (2017) explicam em seus

trabalhos, que a família é o principal elemento desse processo, devendo então ser bem informada e esclarecida, de modo objetivo, claro e com simplicidade.

A falta de maior esclarecimento para a família por parte dos profissionais ou inadequação no modo da abordagem sobre o assunto é um fator determinante para a recusa quanto à doação, pois dessa forma os familiares ficam limitados quanto às informações e dados importantes para a tomada de decisão (ROZA et al., 2010).

Tabela 11: Autorização dos entrevistados quanto à doação de órgãos de familiar

Autorizaria a doação de órgão de algum familiar	Números	%
Sim	75	75%
Não	25	25%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Sobre o conhecimento da fila de espera por transplantes de órgãos no nosso Estado, mais da metade dos participantes desse estudo disse que não sabe sobre o referido.

Segundo dados da Central Estadual de Transplantes do Espírito Santo (CET-ES), 1811 pacientes aguardam por uma doação de órgão, sendo 1207 para rim, 573 para córnea, 24 para fígado e 7 para coração (VIDA, 2022).

Tabela 12: Conhecimento dos entrevistados sobre a lista de espera dos transplantes de órgãos

Conhecimento da lista de espera	Números	%
Sim	45	45%
Não	55	55%
Total	100	100%

Fonte: Próprio autor

Na questão discursiva foi indagado sobre o que deveria ser feito para aumentar o número de doadores de órgãos na população. Entre as respostas estão opiniões como esclarecimento para a população sobre essa temática, com mais divulgações nos meios de comunicação, mais conscientização sobre esse assunto, e alguns participantes disseram que não sabem o que poderia ser feito para aumentar o número de doadores, pois nunca pensaram sobre isso. Ainda houve os que responderam que se a população tivesse mais amor ao próximo aumentaria o número de transplantes e doação de órgãos.

Essas respostas vão de encontro com estudos realizados por vários autores, como por exemplo, uma pesquisa feita por Roza e outros (2010), em que declaram que para que o cenário de desinformações acerca da doação de órgãos seja mudado, as informações veiculadas pelos

meios de comunicação precisam ser mais eficientes e concisas, dispostas a enfatizar a grande necessidade de discussão sobre essa temática, promovendo então mais conhecimento sobre doações e transplantes.

Rosário e colaboradores (2013) também concordam que o número de doações passará a crescer a partir do momento em que as informações sobre todas as etapas concernentes aos transplantes passarem a ser mais discutidos, sobretudo implementados através de programas de educação e conscientização para a população.

Quanto ao amor ao próximo, citado pelos entrevistados, nota-se que Moraes e Moraes (2012) reiteram que, embora a tomada de decisão para a doação de órgãos é feita num momento de extremo sofrimento para a família, esse ato é visto pela sociedade como um gesto de amor e de solidariedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos através deste estudo possibilitaram conhecer a percepção dos entrevistados sobre a doação de órgãos e tecidos, e a partir de então fazer as devidas análises sobre o tema proposto.

Com essa pesquisa conclui-se que a doação de órgãos se trata de um assunto bem complexo, que muitas vezes é desconhecido ou pouco se sabe por grande parte da população, desprovida de informações sobre conteúdo e de todos os trâmites que o envolve.

Quando se tem entendimento acerca da doação de órgãos e sobre a morte encefálica, toda efetivação do processo se torna mais fácil e natural, embora a situação seja de muito pesar para os familiares.

Por esses resultados nota-se que é de grande relevância que essa temática seja mais discutida entre a sociedade, a fim de que haja entendimento e esclarecimento sobre tão importante questão, e que aumente a quantidade de doações de órgãos e tecidos, reduzindo então as filas de espera por transplantes.

Espera-se que esse estudo possa fornecer informações as quais permitam contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e reflexões futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Claudinei de et al. O Papel do Profissional de Enfermagem na Doação de Órgãos. **Revista Saúde em Foco**, n.9, p.533-51, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 9.175, 18 de outubro de 2017.** Regulamenta a Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, para tratar da disposição de órgãos, tecidos, células e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento. Brasília, Distrito Federal, 18 de out, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.434, 04 de fevereiro de 1997.** Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. Brasília, Distrito Federal, 04 de fev, 1997.

BRITO, Gabriela Alvares de; SILVA, Cleiton Bueno da; FELIPE, Lucenda de Almeida. Morte Encefálica e Doação de Órgãos em Hospital Referência em Urgência e Trauma do Estado de Goiás. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago"**, v.6, n.2, p.1-11, 2020.

CAJADO, Maria Constança Velloso; FRANCO, Anamélia Lins e Silva. Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes: Impasses Subjetivos Diante da Decisão Familiar. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.40, n.2, p.480-499, Bahia, Abr/Jun, 2016.

DALBEM, Giana Garcia; CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. Doação de Órgãos e Tecidos Para Transplante: Recusa das Famílias. **Texto e Contexto - Enfermagem**, v.19, n.4, p.728-35, Florianópolis, Out/Dez; 2010.

FERRAZZO, Sílvia. Crença Religiosa e Doação de Órgãos e Tecidos: Revisão Integrativa da Literatura. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v.1, n.3, p.449-460, Rio Grande do Sul, Set/Dez, 2011.

FREIRE, Izaura Luzia Silvério et al. Processo de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante: Reflexões sobre sua Efetividade. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, v.8, n.1, p. 2533-8, Recife, Jul, 2014.

GOIS, Renata Santos Silva et al. Efetividade do processo de doação de órgãos para transplantes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.30, n.6, p.621-7, São Paulo, 2017.

MATTIA, Ana Lúcia de et al. Análise das dificuldades no processo de doação de órgãos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Bioethikos**, Centro Universitário São Camilo, v.4, n.1, p.66-74, 2010.

MENDONÇA, Ana Elza Oliveira de et al. Atuação do Enfermeiro nas Organizações de Procura de Órgãos para Transplante. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, v.7, p.5765-73, Recife, Set, 2013.

MORAIS, Taise Ribeiro; MORAIS, Maricelma Ribeiro. Doação de órgãos: é preciso educar para avançar. **Saúde em Debate**, v.36, n.95, p.633-639, Rio de Janeiro, Out/Dez, 2012.

ROSÁRIO, Elza Nascimento do. Recusa familiar diante de um potencial doador de órgãos. **Caderno de Saúde Coletiva**, v.21, n.3, p.260-6, Rio de Janeiro, 2013.

ROZA, Bartira de Aguiar. Doação de órgãos e tecidos: relação com o corpo em nossa sociedade. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.23, n.3, p.417-22, São Paulo, 2010.

SANTOS, Marcelo Bidoia dos; OLIVEIRA, Antônio Luis de. Doação de Órgãos Post Mortem e Políticas Públicas no Brasil: Ponderações Constitucionais entre as **Leis nº 9.434/97 e 10.211/2001**. **Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife**, v.90, n.1, p.37-57, Recife, Jan/Jun, 2018.

SILVA, Hetiani Barretta da; SILVA, Kauana Flores da; DIAZ, Cláudia Maria Gabert. A enfermagem intensivista frente à doação de órgãos: uma revisão integrativa. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v.9, n.3, p. 882-887, Rio de Janeiro, 2017.

SOARES, Letícia Santana da Silva. Transplantes de órgãos sólidos no Brasil: estudo descritivo sobre desigualdades na distribuição e acesso no território brasileiro, 2001-2017. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.29, n.1, Brasília, 2020.

VIDA nova: pacientes que esperavam na fila do transplante recebem órgãos captados no ES. **Jornal Online Folha Vitória**, Espírito Santo, 5 de maio, 2022. Disponível em: <<https://www.folhavitoria.com.br/saude/noticia/05/2022/pacientes-fila-transplante-captacao-orgaos-es>>. Acesso em 26 de junho de 2022.